



EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO ESCOLAR

ENVIRONMENTAL EDUCATION IN THE SCHOOL LITERACY PROCESS

Joelma Zatti dos Santos¹

Lucia Ceccato de Lima²

Resumo: O estudo investigou práticas de Educação Ambiental (EA) desenvolvidas por professores dos anos iniciais do ensino fundamental no processo de alfabetização em escolas de Correia Pinto (SC). Fundamentada na Teoria da Complexidade e na alfabetização emancipadora de Paulo Freire, a pesquisa analisou os Projetos Políticos-Pedagógicos (PPPs) de quatro escolas e entrevistas semiestruturadas com quatro docentes, utilizando a Análise de Conteúdo de Bardin (2016). Os resultados apontaram a predominância de uma abordagem conservacionista, evidenciando o distanciamento em relação a uma perspectiva crítica e transformadora. Conclui-se ser necessário repensar a formação docente, de modo a integrar a EA de forma interdisciplinar e alinhada a processos alfabetizadores emancipatórios.

Palavras-chave: Educação Ambiental. Ensino Fundamental. Práticas Pedagógicas. Alfabetização Escolar.

Abstract: The study investigated Environmental Education (EE) practices developed by teachers in the early years of elementary school in the literacy process in schools in Correia Pinto (SC). Based on Complexity Theory and Paulo Freire's emancipatory literacy, the research analyzed the Political-Pedagogical Projects (PPPs) of four schools and semi-structured interviews with four teachers, using Bardin's Content Analysis (2016). The results pointed to the predominance of a conservationist approach, evidencing a distancing from a critical and transformative perspective. It is concluded that it is necessary to rethink teacher training in order to integrate EE in an interdisciplinary manner and in line with emancipatory literacy processes.

Keywords: Environmental Education. Elementary School. Pedagogical Practices. School Literacy.

INTRODUÇÃO

O objeto de estudo da presente pesquisa são as práticas pedagógicas em Educação Ambiental (EA) dos professores dos anos iniciais do ensino fundamental no processo de alfabetização escolar nas escolas municipais de Correia Pinto (SC).

¹ Mestra Universidade do Planalto Catarinense UNIPLAC Professora da Educação Básica. E-mail: jzs@uniplaclages.edu.br.

² Doutora Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Professora PPGE/UNIPLAC. E-mail: prof.lucia@uniplaclages.edu.br

Revista Gepesvida

Diante deste cenário, formulou-se o seguinte problema: quais são as práticas pedagógicas de Educação Ambiental realizadas pelos professores nos anos iniciais do ensino fundamental no processo de alfabetização escolar?

Para responder o questionamento, a pesquisa teve por objetivo geral analisar as práticas pedagógicas de Educação Ambiental realizadas pelos professores dos anos iniciais do ensino fundamental no processo de alfabetização escolar. O questionamento e o objetivo central da pesquisa são representados no fractal a seguir, figura 1, que apresenta a complexidade do estudo.

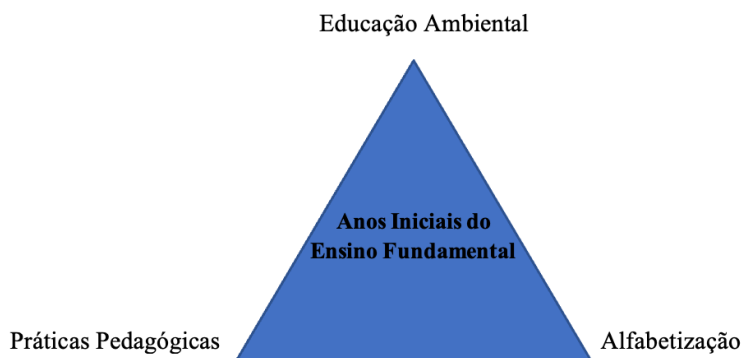


Figura 1 - Representação da Concepção do Estudo
Fonte: Santos (2020).

A justificativa deste estudo se ancora na premissa de que a prática pedagógica nos anos iniciais do Ensino Fundamental deve transcender a instrumentalização técnica do letramento e da escrita tradicional. Pelo contrário, ela exige o provimento de condições formativas que promovam uma Alfabetização em Educação Ambiental (EA) de qualidade e caráter dinâmico, essencial para desenvolver as capacidades dos estudantes. Tal abordagem é crucial para fomentar sua socialização crítica e seu engajamento ativo e comprometido com as questões do meio socioambiental, alinhando-se, assim, a uma perspectiva de educação emancipadora e transformadora.

Assim, adota-se, como premissa fundamental, que a instituição escolar se estabelece como um lócus privilegiado de formação e de construção do conhecimento. Nesse contexto, os docentes são formados como os mediadores desse processo, viabilizando o desenvolvimento dessas competências tanto junto aos estudantes quanto no âmbito da totalidade da comunidade escolar na qual a escola se insere.

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Para Morin (2011), o conhecimento pertinente à alfabetização escolar e ambiental busca evidenciar o contexto, o global, a multidimensionalidade e o complexo, estimulando a curiosidade de crianças e jovens. A alfabetização, entendida como um processo amplo e complexo, vai além do ato de ler e escrever: ela possibilita ao estudante compreender questões sociais que o envolvem e interpretar o entorno imediato, favorecendo aprendizagens significativas e novas percepções sobre a realidade.

Assim, compreende-se que, no processo de alfabetização escolar, a dimensão ambiental passa a ser integrada ao letramento dos estudantes. Isso se torna ainda mais relevante considerando que inúmeros problemas ambientais estão cada vez mais presentes

Revista Gepesvida

no cotidiano. A circulação de notícias sobre catástrofes decorrentes da ação humana, amplificada pelos meios de comunicação, evidencia que o modo como o ambiente vem sendo utilizado e degradado alcança níveis que caracterizam um problema global.

Historicamente, observa-se uma crescente devastação ambiental. Essa prática insustentável, protagonizada pelo ser humano, revela tanto ações nocivas quanto a inércia de quem assiste sem intervir. A falta de consciência e responsabilidade contribui para a presença constante de entulhos, detritos e resíduos descartados inadequadamente. No entanto, é importante ressaltar que as questões ambientais ultrapassam a problemática do descarte incorreto, envolvendo diretamente a discussão sobre a sobrevivência das espécies — inclusive a humana.

No contexto escolar, especialmente no que se refere às práticas pedagógicas, destaca-se a importância de promover a reflexão sobre EA desde a fase de alfabetização. Essa reflexão favorece a formação da consciência ambiental por meio de práticas sustentáveis, permitindo que a discussão teórica se concretize no cotidiano, como na utilização responsável dos materiais e no descarte adequado dos resíduos, entre outras ações ecologicamente corretas.

É necessário estimular em cada indivíduo o sentimento de pertencimento, de modo que cada sujeito se reconheça como agente ativo na reconstrução do pensamento ecológico. Esse entendimento orienta atitudes responsáveis diante do ambiente e das relações estabelecidas com os outros seres, incluindo elementos abióticos. Quando o ser humano se reconhece parte do ambiente, e não seu proprietário, a Educação Ambiental ultrapassa os limites escolares e se projeta para a vida cotidiana.

Reconhece-se, portanto, que os educandos desempenham um papel fundamental ao contribuir para a construção da consciência ambiental e para o aprimoramento do diálogo sobre a crise ecológica. A EA propõe o desenvolvimento de uma consciência crítica ancorada em um pensamento complexo, capaz de considerar as dimensões políticas, sociais e subjetivas da realidade.

O estudo da realidade escolar permite identificar a relevância de estimular a observação e a reflexão sobre a alfabetização em Educação Ambiental. É possível desenvolver a conscientização ambiental por meio de práticas pedagógicas que fomentem a compreensão do espaço e do tempo em que os estudantes vivem. Essa pedagogia da responsabilidade engloba desde ações cotidianas, como o descarte adequado do lixo, até reflexões sobre questões sociopolíticas e econômicas mais amplas.

Segundo Boff (2011), “um modo-de-ser não é um novo ser. É uma maneira do próprio ser de estruturar-se e dar-se a conhecer. O cuidado entra na natureza e na constituição do ser humano. O modo-de-ser cuidado revela de maneira concreta como é ser humano” (p. 34). É na presença infantil que se encontra a esperança de renovação, de novas escolhas e novas formas de viver e conviver.

Ao direcionar o olhar para os professores que atuam nas escolas, destaca-se a possibilidade de contribuírem significativamente para a formação do olhar crítico dos estudantes, estimulando-os a questionar o papel do ser humano nas questões ambientais. Esse posicionamento crítico extrapola os limites da escola, estendendo-se ao meio social e às interações estabelecidas com pessoas de diferentes faixas etárias, níveis de instrução e condições econômicas.

2.1 PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO ENSINO FUNDAMENTAL ANOS INICIAIS

As práticas pedagógicas são construções culturais e históricas que se transformam conforme as necessidades sociais e o avanço do conhecimento. Nesse contexto, refletir sobre alfabetização, Educação Ambiental e o papel dos professores nos anos iniciais torna-se essencial para responder aos desafios contemporâneos.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) desempenha papel fundamental na organização das práticas alfabetizadoras, ao considerar a criança em sua integralidade e defender atividades de caráter lúdico, artístico e científico, como jogos, brincadeiras, desenho, canto e a exploração de fenômenos naturais e sociais. Sua proposta metodológica enfatiza a articulação entre diferentes áreas do conhecimento no processo de alfabetização.

A BNCC define alfabetização como a compreensão do sistema de escrita alfabético-ortográfico e o domínio das convenções da escrita para ler e produzir textos em diferentes situações comunicativas (Brasil, 2015).

Segundo o pensamento de Dickmann e Carneiro (2012, p. 92):

Tal concepção possibilita uma educação voltada para a construção de um sentimento de pertencimento ao mundo e uma compreensão de mundo sistêmico-dinâmica, na qual está implicado o desenvolvimento de uma consciência ecológica, que não só identifica problemas, mas reflete sobre ações não-predatórias, ou seja, alternativas sustentáveis para o ambiente de vida como um todo.

Superar a visão de alfabetização restrita às habilidades de ler e escrever é, portanto, indispensável. As práticas pedagógicas devem contribuir para a formação de sujeitos conscientes de seu papel na sociedade, algo que não se constrói em metodologias que limitam o pensamento a perspectivas únicas ou dogmáticas. Assim, ampliar as abordagens do processo alfabetizador e reconhecer sua pluralidade implica compreender que ler, escrever e cuidar do ambiente são práticas culturais que formam redes complexas de pensamento.

Ao tratar do binômio alfabetização–letramento, a BNCC evidencia a relação entre a apropriação do Sistema de Escrita Alfabética e os usos sociais da leitura e da escrita, consolidando o princípio de “alfabetizar letrando” como orientação contemporânea. Contudo, persiste nos documentos oficiais uma tendência a reduzir o ato de alfabetizar ao simples domínio técnico da leitura e da escrita, o que evidencia a necessidade de superar concepções limitadas e cristalizadas.

Nesse processo, formadores e professores aprendem conjuntamente, como aponta Freire (2018): “Quem forma se forma e reforma ao formar, e quem é formado forma-se e forma ao ser formado” (p. 25). A alfabetização deve, assim, produzir sentidos que extrapolam habilidades instrumentais e se articulam à cientificidade, à ludicidade e à arte. O problema não está em alfabetizar letrando, mas em transformar essa perspectiva em dogma, ignorando a complexidade e a diversidade dos contextos educativos.

2.2 EDUCAÇÃO AMBIENTAL

A Primeira Conferência Intergovernamental sobre Educação Ambiental, realizada em 1977 em Tbilisi, Geórgia (ex-URSS), define:

Revista Gepesvida

A educação ambiental é considerada um processo permanente, no qual, os indivíduos ou comunidade tomam consciência sobre o meio ambiente, adquirem conhecimentos, valores, habilidades, experiências e a determinação para agir individualmente e coletivamente para resolver problemas ambientais, tanto presentes quanto futuros (Dias, 2010, p. 92).

Por sua vez, a Política Nacional de Educação Ambiental, Lei nº 9.795/99, conceitua EA como:

[...] os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade (Brasil, 1999).

A Lei nº 9.795/99 reforça a necessidade de enfrentar desigualdades e injustiças socioambientais ao retomar o disposto no caput do Art. 225 da Constituição Federal de 1988, que estabelece o meio ambiente como bem de uso comum e essencial à qualidade de vida. Evidencia ainda que as dimensões políticas e sociais da educação não estão dissociadas da existência dos indivíduos, de seus valores, crenças e subjetividades.

A Educação Ambiental consolidou-se como um campo fundamental, especialmente no contexto atual, mas também com vistas ao futuro. Por meio dela, desenvolvem-se consciência, respeito e cuidado necessários para transformar e conservar o ambiente, promovendo relações harmoniosas entre os elementos bióticos e abióticos.

Nesse processo, destaca-se a participação humana organizada coletivamente para reivindicar mudanças de pensamento e atitudes ecológicas, de modo que tais transformações ocorram de forma natural e benéfica para todas as partes envolvidas.

Segundo a UNESCO, “Educação ambiental é uma disciplina bem estabelecida que enfatiza a relação dos homens com o ambiente natural, as formas de conservá-lo, preservá-lo e de administrar seus recursos adequadamente” (2005, p. 44).

A escola assume papel central como educadora ambiental, configurando-se como espaço privilegiado para o desenvolvimento socioambiental dos estudantes. Conforme Freire (2004), a aprendizagem deve promover transformação por meio da reconstrução de saberes. Dessa forma, ela se torna significativa tanto para professores quanto para alunos: “Nas condições de verdadeira aprendizagem, os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e reconstrução do saber, ao lado do educador igualmente sujeito do processo” (p. 26).

Nesse sentido, ressaltam-se a importância de atividades de campo e de sala de aula e o desenvolvimento de projetos que estimulem o cuidado e o comprometimento ambiental de forma interdisciplinar. Assim, será possível formar gerações alfabetizadas para o cuidado com o ambiente, capazes de estabelecer novas relações com o planeta.

Para Narciso (2009), conceitos como o de observação são fundamentais: crianças devem observar comportamentos que contribuam para tornarem-se ambientalmente responsáveis, e o ambiente escolar precisa incorporar tais práticas ao cotidiano.

Morin (2013) destaca a necessidade de estratégias que transformem a prática pedagógica, alinhadas a objetivos integrados ao desenvolvimento físico e intelectual dos educandos, tornando-os agentes ativos na preservação ambiental.

Diante do exposto, a EA promove transformações necessárias para uma sociedade crítica e consciente, comprometida com a qualidade de vida e a preservação do ambiente. A educação constitui o caminho para tais mudanças, e os educadores, ao construírem estratégias transformadoras no âmbito escolar, desempenham papel essencial na

Revista Gepesvida

formação de estudantes dos anos iniciais por meio de práticas sociais e ambientais.

Assim, a temática evidencia a busca pela conscientização ambiental no contexto educacional, por meio de práticas pedagógicas que contribuam para a construção de uma sociedade comprometida com o meio ambiente, formada por cidadãos críticos e conscientes da importância do respeito ao coletivo e ao planeta.

METODOLOGIA

A presente pesquisa terá abordagem qualitativa que buscará ouvir as vozes dos professores do ensino fundamental e a ver a escola pelos projetos pedagógicos das unidades escolares.

A coleta de dados se dará em duas etapas: por meio de análise documental e; por meio de entrevistas semiestruturadas aplicadas junto aos sujeitos da pesquisa.

A pesquisa documental busca investigar as práticas pedagógicas e tendências de EA no Projeto Político Pedagógico (PPP) de quatro escolas da rede pública municipal do município de Correia Pinto (SC). Esta forma de pesquisa é utilizada em praticamente todas as ciências sociais, e neste estudo no campo da educação (Gil, 2010).

Serão observados e examinados os PPPs das quatro escolas participantes do município de Correia Pinto (SC), que receberam nomes de flores como codinomes. Esta investigação será fundamental para o levantamento de dados, obtidos através da pesquisa e leitura identificando quando há ou não evidências de EA, para posterior análise que ocorrerá por meio de leituras dos PPPs de cada escola, no processo da transcrição dos dados e na ação da contextualização com os autores citados.

Já com relação à segunda etapa, a entrevista é uma das técnicas de coleta de dados considerada como sendo uma forma racional de conduta do pesquisador, previamente estabelecida, para dirigir com eficácia um conteúdo sistemático de conhecimentos, de maneira mais completa possível, com o mínimo de esforço de tempo (Rosa; Arnoldi, 2006, p. 17).

A entrevista semiestruturada foi realizada com quatro professores dos anos iniciais, sendo um de cada escola dos seguintes anos dois professores do primeiro ano do ensino fundamental anos iniciais, um professor do segundo ano do ensino fundamental anos iniciais e um professor do terceiro ano do ensino fundamental. As entrevistas foram realizadas nas unidades escolares com prévio agendamento. Esse modelo de entrevista é muito utilizado quando se deseja delimitar o volume das informações, obtendo assim um direcionamento maior para o tema, intervindo a fim de que os objetivos sejam alcançados.

Para a entrevista, foram elaboradas questões fechadas com espaço para comentários, utilizando-se um gravador, incluindo notas de Campo e anotações que, após a entrevista foram transcritas.

Quadro 1 - Roteiro de questões para as entrevistas

Questão 1: Que tipo de atividades da Educação Ambiental são realizada em suas aulas? Objetivo: Identificar se os professores realizam atividades relacionadas ao meio ambiente.
Questão 2: Que tipo de projetos de Educação Ambiental realizou na escola nos últimos 3 anos? Quais foram? Objetivo: identificar se houve a realização de atividades

Revista Gepesvida

Questão 3: Há atividades de educação ambiental no PPP da escola que atua? Como você as classificaria ou conceituaria?

Objetivo: Identificar se o professor tem conhecimento do P.P.P da escola onde atua a respeito da EA e o conceito com o meio ambiente.

Questão 4: A Educação Ambiental é um processo que objetiva o ensino de preservar a natureza?

Objetivo: Observar se os educadores têm noção da existência de uma complexidade que compõem a educação para o meio ambiente ou confundem Educação Ambiental com ecologia.

Questão 5: O que entende por Educação Ambiental?

Objetivo: Identificar se há uma compreensão de que a EA deve desenvolver a conscientização nos alunos para que o meio ambiente seja preservado.

Fonte: Santos (2020).

A análise sobre os dados coletados nas entrevistas foi feita em blocos, onde estão relacionados os questionamentos feitos às professoras.

No bloco I, nosso objetivo foi discutir as práticas pedagógicas de Educação Ambiental realizadas pelos professores dos anos iniciais do ensino fundamental. Para isso, discutiremos as respostas dadas pelas entrevistadas às questões 01 e 04.

No bloco II foram utilizadas as respostas fornecidas nas questões 02 e 03 a fim de identificar evidências de práticas de EA no PPP das escolas da rede pública do município de Correia Pinto (SC).

No bloco III utilizou-se as respostas dadas às questões 04 e 05, relacionadas as práticas pedagógicas dos professores dos anos iniciais e às tendências pedagógicas de EA.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para as análises realizadas nos PPPs buscou-se evidências de Educação Ambiental nas práticas pedagógicas e nos Projetos Políticos Pedagógicos das quatro escolas município de Correia Pinto.

No item processo de planejamento geral, foram encontrados registros nos PPPs das escolas: Cravo e Margarida. Porém, de forma descontextualizada, sem citar e demonstrar os pormenores dessas práticas que possibilitariam o desenvolvimento e o progresso dos trabalhos. Deste modo, destaca-se a importância do desenvolvimento e de registros das práticas pedagógicas no processo de planejamento, pois de acordo com os PPPs das escolas Cravo e Margarida as práticas estão embasadas na BNCC (2017) abrangendo as áreas do “conhecimento geral”.

No tópico avaliação, nos PPPs das quatro escolas o resultado constou de maneira inócua. Pois, a presença de EA pouco se apresenta. Portanto, a avaliação é baseada no desenvolvimento motor e cognitivo da criança. Seguindo a tendência crítica, possivelmente abordada nas escolas onde as dimensões política e social da educação e da vida humana são fundamentais para sua compreensão, mas elas não existem separadas da existência dos indivíduos, de seus valores, crenças e subjetividades.

Com relação ao calendário escolar, este foi um tema encontrado nos quatros PPPs das escolas: Camélia, Cravo, Jasmim e Margarida, com as datas a serem trabalhadas. Porém não foram encontradas evidências descritas e nem estratégias que seriam utilizadas

Revista Gepesvida

nem mesmo para datas comemorativas, quanto mais atividades intencionais que contribuam com a formação ambiental crítica das crianças.

Após as análises dos quatro PPPs, foi possível constatar que os mesmos apresentam muitas fragilidades, sendo as práticas em Educação Ambiental pouco evidentes nos textos dos documentos analisados.

Com a investigação dos PPPs das escolas no item concepção de criança, desenvolvimento nos anos iniciais e de aprendizado, foi encontrado somente em um dos PPPs uma base teórica que fundamentasse esse indicador. Porém, somente no PPP da escola Cravo foi encontrado tal informação. A fundamentação se apresenta com base em marcos legais, inclusive o último, a BNCC (2017), para embasar os conceitos pesquisados do item em questão. Na escrita, havia a preocupação de desenvolver a criança como um todo, respeitando suas singularidades no desenvolvimento e na aprendizagem. Porém, a EA ainda pouco aparece.

O último o item pesquisado fins, objetivos e metas não foram encontradas evidências de práticas pedagógicas de Educação Ambiental nos PPPs das quatro escolas Camélia, Cravo, Jasmim e Margarida. A EA se fez ausente nos PPPs analisados, bem como no processo de ensino aprendizagem das escolas, faltando conhecimentos fundamentais para o desenvolvimento dos seres humanos conscientes da sua ação transformadora do indivíduo e da sociedade, sendo que a Educação Ambiental e as práticas pedagógicas são objetivos no processo da educação das escolas.

Já com relação às entrevistas, no bloco I, identificou-se como acontecem as práticas de Educação Ambiental nas escolas em que trabalham as professoras entrevistadas, com foco na metodologia adotada e nos projetos executados pela escola.

Com base nas respostas, foi possível perceber que a abordagem de conteúdos ligados à EA nas escolas dos anos iniciais do ensino fundamental é verticalizada, com foco em conteúdos na sala de aula e baseados na apostila.

Segundo a Professora A, são realizadas atividades em forma de desenho e textos enigmáticos, ou seja, através de símbolos. Esses textos vêm na apostila e trabalham a preservação ambiental. São conteúdos trabalhados em sala, mas que não fazem parte de projetos.

A Professora B, que é professora contratada do município há 10 anos, informou que o trabalho realizado é interdisciplinar, vinculado principalmente à Geografia e à Língua Portuguesa. As atividades são em forma de textos de leitura e de dinâmicas como, por exemplo, a separação do lixo. Geralmente acontecem dentro de sala de aula, mas os professores desenvolvem projetos de Educação Ambiental. Ela citou que costuma integrar múltiplas disciplinas nessas atividades. Segundo ela, o PPP da escola ainda não foi atualizado para a versão multisseriada, e por isso, muitos projetos que inclusive já foram executados não estão relacionados nesse planejamento.

A Professora C, que também é contratada, trabalha no município há 3 anos já deu aulas em turmas do 1º, do 4º e do 5º ano. Ela informou que incluiu a Educação Ambiental em seu trabalho através da Semana do Meio Ambiente, que ocorre no mês de junho e onde são discutidas questões como o dia da árvore, o problema da água etc. Essa semana já está inclusa no planejamento. São realizadas atividades que englobam um amplo conteúdo, como por exemplo, o estudo das árvores típicas da região. No último ano, aconteceu também uma visita à Companhia Catarinense de Água e Saneamento- CASAN, para mostrar como é feito o processo de tratamento da água. Também foi confeccionada uma lembrancinha com semente de girassol que foi distribuída para todas as crianças da escola.

Revista Gepesvida

A Professora D é efetiva do município há 25 anos. Das entrevistadas, é a que possui mais tempo de carreira. Está há 21 anos na mesma escola e dá aula para turmas do 1º ao 4º ano. Sempre trabalha com Educação Ambiental, especialmente através de projetos. Esses projetos estão anexados ao PPP da escola “PPP que se refere do ano de 2019”, e, segundo informou a entrevistada, são quase todos retirados do próprio livro didático e acontecem durante todo o ano. A professora também relatou que cobra dos alunos cuidados com o meio ambiente dentro da escola, como não deixar a torneira ligada, não encher muito o copo para evitar desperdício de água e não jogar lixo no chão. Ou seja, ela procura sempre inserir a EA, inclusive na alfabetização.

As entrevistadas também foram interrogadas com o seguinte questionamento: “A Educação Ambiental é um processo que objetiva o ensino de preservar a natureza?”.

As respostas dadas a esse questionamento foram bem completas, especialmente pelas professoras B, C e D. De acordo com a Professora A os alunos já possuem a visão da necessidade de se preservar a natureza.

Para a Professora B, o objetivo da Educação Ambiental é incentivar o cuidado do Meio Ambiente como um todo, e os alunos já conseguem aprender e aplicar essa prática na escola e em casa. Na visão dela, a EA engloba todas as atividades necessárias ao cuidado da vida, que começa no ambiente em que se vive e que visa à qualidade de vida no futuro. Para a entrevistada, essa educação é necessária não somente dentro da escola, mas em todos os lugares, num projeto de continuidade ao que se vê em sala de aula.

Na visão da Professora C, as práticas fora da sala são importantes porque incentivam os alunos a conhecerem melhor o meio ambiente e oferecem a eles a oportunidade de, por exemplo, prepararem seu próprio papel de reciclagem. Com isso, eles percebem que o cuidado com a natureza vai além de simplesmente plantar uma árvore. A professora relatou que trabalhar projetos de EA é uma responsabilidade muito grande, mas executável, porque os conteúdos das disciplinas permitem essa conexão.

Para a Professora D, os projetos de EA fazem com que a criança tenha consciência de que toda ação que ela pratica gera uma reação. Ela procura fazer com que eles entendam esse processo de causa e consequência, mas as atitudes dos pais podem ajudar ou atrapalhar muito. Para ela, seria interessante que os pais também fossem educados nesse sentido, a fim de auxiliar na educação dos filhos. Ela trabalha EA com seus alunos o tempo todo, sempre cobrando deles atitudes de preservação ao meio ambiente.

No bloco II, foram trabalhadas as evidências de práticas de Educação Ambiental no PPP nas escolas da rede pública de Correia Pinto, tendo como material de discussão as respostas fornecidas às questões 02 e 03.

Quando questionadas sobre os projetos de EA realizados nas escolas nos últimos 3 anos, as entrevistadas deram respostas que evidenciam a necessidade de um melhor planejamento nesse sentido, já que tais projetos estão essencialmente relacionados ao livro didático ou à Semana do Meio Ambiente, demandando, assim, maior conexão com outros conteúdos e eventos do calendário letivo.

A Professora A citou o projeto dos Escoteiros, mas não sabe dizer se seus alunos participam. Informou que a escola restringe o número de professores que participam de projetos nesse sentido, e que ela nunca foi convidada a participar.

A Professora B relatou que os projetos de Educação Ambiental são feitos dentro das salas de aula mesmo, durante as aulas das outras disciplinas. Citou um projeto de leitura realizado no início do ano, onde os alunos levavam um livro para casa e a cada 15 dias uma família ia para contar sobre o livro e o projeto. Nele, foram inseridas leituras sobre o cuidado com a natureza.

Revista Gepesvida

A Professora C foi a única a citar trabalhos de campo em seus projetos. Ela informou que são realizadas diversas atividades ao longo do ano, especialmente na Semana do Meio Ambiente. Citou a visita à APAE da cidade e a confecção de lembrancinhas com semente de girassol.

A Professora D trabalha com projetos focados nas atividades do livro didático.

Elas também foram questionadas sobre a inclusão desses projetos no PPP da escola, e sobre como elas os classificariam.

A Professora A informou que não conhece o PPP do colégio, ou se conhece, não se lembra dele.

A Professora B informou que os projetos não estão inclusos porque o PPP ainda não foi atualizado nesse ano. Ela relata sua insatisfação ao não conseguir realizar todos os trabalhos que gostaria pela pouca quantidade de material disponível. A Professora C respondeu que os projetos fazem parte do planejamento da Semana do Meio Ambiente. Ela informou que os projetos citados não estavam inclusos no PPP, mas disse que os professores são cobrados quanto a isso, e que são escolhidos professores que já tenham essa proposta. Ela qualifica essas atividades como “meio fracas” porque os professores não recebem o apoio necessário para a realização das mesmas, além do entrave de ter que realizar os conteúdos diários e as provas de todas as disciplinas, o que acaba fazendo com que não sobre muito tempo para a execução de outros projetos.

A Professora D relatou que os projetos estão anexados ao PPP da escola, mas as atividades, não. A entrevistada não está segura da informação porque não olha o PPP da escola há algum tempo, e que muitos dos projetos foram desenvolvidos a partir de pesquisas feitas por ela mesma. Citou que, na confecção dos materiais para esses projetos, sempre opta pela cartolina e pelo papel cartão, porque o EVA não desmancha, dissolve, não é adequado.

O objetivo do bloco III foi relacionar as práticas pedagógicas dos professores dos anos iniciais às tendências pedagógicas de Educação Ambiental. Os dados utilizados serão as respostas fornecidas pelas entrevistadas às questões 04 e 05.

As professoras entrevistadas consideram que a Educação Ambiental deve ir além da sala de aula e atingir todos os níveis e lugares frequentados pelos alunos. Assim, ela extrapola os limites da ecologia e chega às questões sociais, humanas, econômicas, geográficas e históricas.

A Professora D levantou um problema recorrente e que, a nosso ver, deve ser levado em conta: as atitudes dos pais perante a situação do meio ambiente. O professor encontra um grande desafio nesse sentido, porque todo seu trabalho e as discussões feitas na escola são enfraquecidas quando os pais têm hábitos que vão contra tudo o que foi aprendido pelos alunos. Desta forma, como destacado pela professora, é importante que os pais participem de cursos de formação nesse sentido para auxiliarem na instrução das crianças.

As professoras foram interrogadas sobre o que é Educação Ambiental.

Para a Professora A, esse processo é prevenir, cuidar. Ele engloba todas as disciplinas; em Português, por exemplo, o aluno estuda as cores das lixeiras, a separação do lixo. Em Matemática, as cores, as formas. Em História, acontecimentos ligados ao meio ambiente, como queimadas. Na Geografia, questões relacionadas à localização, trabalhos com objetos reciclados. Em Ciências, o modo como acontece o processo de reciclagem, a quantidade de lixo, o que é aproveitado.

Para a Professora B, a EA é uma atividade integrada a todas as outras. É ensinar a importância do cuidado com a vida, que isso começa no ambiente em que se vive para ter

Revista Gepesvida

qualidade de vida no futuro. É aprender a cuidar do meio ambiente e dar sequência a esses cuidados. Segundo ela, os próprios pais educam os filhos nesse sentido também.

Na visão da Professora C, a Educação Ambiental deve vir de casa, mas quando isso não acontece, um ensino qualificado na escola faz com que as crianças eduquem os pais, eliminando práticas erradas que acontecem no ambiente doméstico.

A Professora D considera que a EA representa o cuidado com a natureza, a prevenção de impactos negativos, e ajuda a compreender o que causou catástrofes naturais. Para ela, a Educação Ambiental deve ser discutida diariamente. São sementinhas que vão sendo plantadas nos alunos e que serão colhidas a longo prazo.

Com isso, é notório que as entrevistadas possuem uma concepção que precisa ser aprofundada sobre a Educação Ambiental. Mas compreendem a sua importância da formação cidadã, ainda que muitas vezes apresentem inseguranças com relação ao modo de inserção desses projetos em outras disciplinas, como ficou claro no que foi dito pela Professora A, que apresentou certa dificuldade em responder o que é trabalhado em cada uma das disciplinas nesse aspecto.

Como relatado pelas professoras, o maior desafio para a execução de projetos qualificados é a falta de materiais e o pouco incentivo que os professores recebem para isso, já que possuem muitas ideias, isso foi a forma de dizer que a falta formação inicial e continuada, mas não têm apoio escolar para desenvolvê-los da maneira como queriam. Percebe-se, assim, que a falha no sistema educacional e a ausência de recursos financeiros destinados ao ensino atinge bastante o trabalho exercido pelos professores em todos os níveis de aprendizado, principalmente nas séries iniciais.

De acordo com as respostas dadas pelas entrevistadas, é possível perceber que existe um distanciamento muito grande entre teoria e prática. Parte das professoras demonstrou ficar muito presa às questões teóricas e atividades presentes no livro didático e apostila, mesmo quando o assunto envolve grande necessidade de práticas dentro e fora da escola, como é o caso da EA.

Diante dessa realidade, é insurgente a elaboração de metodologias mais eficazes que estejam relatadas no PPP da escola. Antes disso, entretanto, é importante que todos os docentes conheçam esse plano e tudo o que nele está relacionado, a fim de potencializar os pontos positivos e melhorar os pontos negativos. É necessário que toda a comunidade escolar, professores, diretores, coordenação pedagógica e os pais dos alunos conheçam esse plano e participem da elaboração dele.

A falta de práticas pedagógicas voltadas para a Educação Ambiental faz com que a teoria não seja levada tão a sério, já que é nas questões cotidianas que os estudantes aprendem a importância de se preservar o meio ambiente e as atitudes que devem tomar para garantir essa preservação. Para Morin (2003, p. 19) “Vivemos numa realidade multidimensional, simultaneamente econômica, psicológica, mitologia, sociologia, mas estudamos estas dimensões separadas, e não umas em relação com as outras”.

Cada professor deve buscar meios de expandir seus horizontes para melhor inserir a EA em suas aulas. E, isso deve começar ainda na universidade, principalmente para o caso dos pedagogos; é preciso que aprendam desde sua formação a trabalharem questões ligadas ao meio ambiente em todas as disciplinas, algo que não vem ocorrendo de forma tão efetiva, já que muitos professores, como foi o caso de uma das entrevistadas, apresentam bastante dificuldade ao relacionar essas problemáticas a elementos das múltiplas ciências. A apresentação das respostas das professoras permite que sejam identificadas as tendências pedagógicas, em Educação Ambiental, que estão sendo trabalhadas nas escolas onde atuam.

Revista Gepesvida

Para Layrargues e Lima (2014), a tendência crítica, no campo progressista:

Aglutina as correntes da Educação Ambiental Popular, Emancipatória, Transformadora e no Processo de Gestão Ambiental. Dá ênfase na revisão crítica dos fundamentos que proporcionam a dominação do ser humano e dos mecanismos de acumulação do Capital, buscando o enfrentamento político das desigualdades e da injustiça socioambiental. Segue o rumo da contextualização e politização do debate ambiental. A Educação Ambiental Crítica tende a conjugar-se com o pensamento da complexidade, como é o caso da questão ambiental, não encontram respostas em soluções reducionistas. As dimensões políticas e social da educação e da vida humana são fundamentais para sua compreensão, mas elas não existem separadas da existência dos indivíduos, e de seus valores, crenças e subjetividades (2014, p. 33).

A partir da descrição das entrevistas pode -se organizar o Quadro 2, com a síntese das respostas das professoras, que indicam atuarem nas tendências conservacionistas e pragmática. A categorização foi possível a partir dos conceitos propostos pelos autores Layrargues e Lima (2014) e adaptações realizadas por Velho (2019), como uma ferramenta teórica metodológica que contribui para refletir sobre a EA que é realizada.

Quadro 2 - Práticas educativas dos professores relacionados às tendências pedagógicas de EA

PROFESSORES	TENDÊNCIAS		
	CONSERVACIONISTA	PRAGMÁTICA	CRÍTICA
Prof A	X		
Prof B	X		
Prof C		X	
Prof D			X

Fonte: Santos (2020), adaptado de Layrargues, Lima (2014) e Velho (2019).

O quadro acima foi elaborado com base nas macrotendências elaboradas por Layrargues e Lima (2014) adaptadas no quadro por Velho (2019).

Conforme é possível perceber, das entrevistadas a maioria das professoras ainda se encontram em uma tendência de Educação Ambiental conservacionista. O que indica que ainda há muito a fazer em termos de formação de professores para o ensino fundamental I, para que as professoras ampliem seu olhar e possam aliar a EA ao processo de alfabetização para uma perspectiva emancipatória e transformadora.

A tendência conservacionista “vincula-se aos princípios da ecologia, na valorização da dimensão afetiva em relação ao ambiente baseada no pleito por uma mudança cultural que relativize o antropocentrismo” (Velho, 2019, p. 32). As professoras A e B apresentaram ideias voltada para essa tendência e, principalmente, certa dificuldade com relação à sua não inserção nos projetos e dinâmicas sociais e políticas implementadas para a escola, o que faz com que as entrevistadas mostrem problemas ao relacionar a Educação Ambiental a outras disciplinas.

A tendência crítica “dá ênfase na revisão crítica dos fundamentos que proporcionam a dominação do ser humano e dos mecanismos de acumulação do Capital, buscando o enfrentamento político das desigualdades e da injustiça socioambiental”. Essa foi a visão demonstrada pela professora D, que relatou sua preocupação em fazer com que os alunos compreendam os impactos do mau uso dos bens naturais e as dificuldades enfrentadas pelos professores quando as atitudes dos pais divergem do que é ensinado em sala de aula.

Já a visão pragmática trabalha com a ideia de consumo sustentável e mercado:

Revista Gepesvida

“Tem caracterização a dominância da lógica do mercado sobre as outras esferas sociais, a ideologia do consumo como principal utopia, a preocupação com a produção crescente de resíduos sólidos” (Velho, 2019, p. 33). A professora C foi, dentre as entrevistadas, a que mais se voltou para essa questão, relatando diversos projetos executados com os alunos, em especial a visita a um centro da APAE, onde os estudantes puderam conhecer um pouco do trabalho de reciclagem feito pelos que ali vivem.

Muito se tem discutido sobre a qualidade da formação docente no Brasil. Um dos pontos de maior problema nesse processo é o enorme distanciamento que existe entre teoria e prática. O professor em formação não é preparado para a realidade que vai enfrentar na sala de aula. Ele aprende que deve preparar aulas dinâmicas, com cartazes, materiais tecnológicos, música, globos terrestres, etc., sem saber que muitas vezes a escola não dispõe de recursos e ele próprio não domina conceitualmente o campo da EA.

A condição humana de professores e estudantes, de certa forma estão imbricadas. Os professores vivem com a incerteza do que sabem e do que os estudantes precisam saber. Os estudantes por sua vez, vivem na incerteza do que devem apreender e a dificuldade do imprevisto. É a mesma face da mesma moeda. Que estratégias construir para o enfrentamento do imprevisto e do inesperado. Como formar cidadãos planetários e locais ao mesmo tempo. De Correia Pinto para o Mundo. Esse é o desafio apresentado para uma educação que se deseja ser ambiental.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Lei nº 9.795/99 compreende a Educação Ambiental como um processo que possibilita ao indivíduo e à comunidade adquirir habilidades, valores e conhecimentos em prol da sustentabilidade. Nesse sentido, e com o intuito de ampliar a compreensão acerca das práticas de EA, foram homologadas as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental.

Diante desse cenário, buscou-se identificar as metodologias empregadas pelos professores dos anos iniciais da rede municipal de Correia Pinto (SC) no ensino de questões relacionadas ao meio ambiente, a fim de analisar a eficácia dessas práticas na promoção da Educação Ambiental.

A problemática que orientou o estudo partiu do questionamento sobre quais práticas de EA são adotadas pelos professores, como essas práticas são aplicadas no processo de alfabetização escolar e se as atividades voltadas ao meio ambiente estão ou não contempladas no PPP das escolas.

As professoras foram questionadas quanto aos tipos de atividades de Educação Ambiental realizadas em sala, aos projetos desenvolvidos pela escola nos últimos três anos, à presença ou ausência dessas ações no PPP e à sua compreensão sobre o conceito de Educação Ambiental. Evidenciou-se que realizam diversas atividades, porém constatou-se que muitas delas não estão registradas nos PPPs, o que indica que as políticas públicas que normatizam a obrigatoriedade da Educação Ambiental em todos os níveis de ensino não estão sendo cumpridas.

A caracterização das práticas educativas revelou que, no processo de alfabetização, as professoras concentram suas ações principalmente em uma perspectiva conservacionista. Na análise dos PPPs, os poucos registros encontrados distribuíram-se entre as três macro-tendências: conservacionista, pragmática e crítica.

Observou-se a ausência da Educação Ambiental tanto nos PPPs analisados quanto

Revista Gepesvida

no cotidiano pedagógico das escolas, o que evidencia a falta de conhecimentos fundamentais para a formação de sujeitos conscientes de seu papel transformador na sociedade. Ressalta-se que a Educação Ambiental e as práticas pedagógicas a ela relacionadas deveriam constituir objetivos e metas da proposta educacional das escolas.

Além disso, os resultados apontaram que a maioria das professoras entrevistadas atua prioritariamente na tendência conservacionista da EA. Isso suscita reflexões sobre a formação de professores dos anos iniciais. Para transformar esse cenário, a formação inicial e continuada deve contemplar a Educação Ambiental em uma perspectiva crítica, emancipatória e articulada ao processo de alfabetização.

As respostas das participantes revelam que ainda há muito a ser feito para que as práticas de EA nos anos iniciais sejam efetivas e produzam resultados significativos. Os professores enfrentam o desafio de trabalhar, em sala de aula, conteúdos que muitas vezes se contrapõem às práticas observadas pelos alunos em seus ambientes domésticos.

A falta de colaboração das famílias nas práticas de cuidado ambiental gera uma dicotomia entre o que as crianças aprendem na escola e o que vivenciam em casa. Como relatado por uma das entrevistadas, todo o trabalho desenvolvido em aula pode ser comprometido quando os alunos presenciarem atitudes como descarte inadequado de lixo, desperdício de água ou ausência de reutilização de materiais.

Outro entrave mencionado é a falta de incentivos materiais e financeiros por parte das escolas e do poder público. Como consequência, muitas propostas não são efetivadas, e os professores acabam limitados às atividades previstas no livro didático. Soma-se a isso o fato de que muitos docentes não tiveram formação adequada para trabalhar com Educação Ambiental de forma consistente.

Diante do exposto, percebe-se um distanciamento significativo entre teoria e prática. Parte das professoras demonstra apego excessivo às atividades do livro didático e das apostilas, mesmo quando o tema exige práticas diversificadas dentro e fora da escola, como ocorre com a EA.

Assim, torna-se urgente a elaboração de metodologias mais eficazes e alinhadas ao PPP da escola. Antes disso, é fundamental que todos os docentes conheçam esse documento e compreendam sua importância, de modo a potencializar seus pontos fortes e corrigir suas fragilidades. É igualmente necessário que toda a comunidade escolar, professores, direção, coordenação pedagógica e famílias, participe da construção e revisão desse plano.

A ausência de práticas pedagógicas direcionadas à Educação Ambiental compromete a compreensão dos estudantes, uma vez que é no cotidiano que se consolidam hábitos e atitudes voltados à preservação do meio ambiente.

Para pesquisas futuras, sugere-se dar continuidade ao estudo com aprofundamento acerca da ambientalização curricular - a inserção efetiva da Educação Ambiental no currículo escolar, especialmente no ensino fundamental da rede municipal de Correia Pinto. Analisar a interação entre pais e professores também pode contribuir para ampliar a compreensão, por parte das crianças em fase de alfabetização, sobre a importância da preservação ambiental para a qualidade de vida das futuras gerações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOFF, L. **Saber cuidar: Ética do humano, compaixão pela terra**. 17. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

Revista Gepesvida

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**: Educação Infantil e Ensino Fundamental. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2017.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. Lei nº 9795, de 27 de abril de 1999. Política Nacional de Educação Ambiental. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9795. Acesso em: 19 out. 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CARVALHO, I. C. M. **Educação ambiental**: a formação do sujeito ecológico. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

DIAS, G. F. **Educação ambiental**: princípios e práticas. 9. ed. São Paulo, Gaia, 2010.

DICKMANN, I; CARNEIRO, S.M.M. Paulo Freire e Educação ambiental: contribuições a partir da obra Pedagogia da Autonomia. **Revista de Educação Pública**. Cuiabá, v. 21, n. 45, jan./abr. 2012. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S2238-20972012000100006&script=sci_abstract&tlng=en. Acesso em: 25 nov. 2025.

FREIRE, P. **Autonomia da Pedagogia**: saberes necessários a prática educativa. 57. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

FREIRE, P. HORTON, M. **O caminho se faz caminhando**: conversas sobre educação e mudança social. 4. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2003.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 33. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas S.A, 2010.

LAYRARGUES, P. P.; LIMA, G. F. C. As macro tendências político-pedagógicas da Educação Ambiental Brasileira. **Revista Ambiente & Sociedade**. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/asoc/v17n1/v17n1a03.pdf>. São Paulo, n. 1, p. 23-40. 2014. Acesso em: 29 nov. 2025.

MORIN, E. **A via para o futuro da humanidade**. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 2013.

MORIN, E. **Educar na era planetária**: o pensamento complexo como método de aprendizagem no erro e na incerteza humana. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2003.

Revista Gepesvida

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: Unesco, 2011.

NARCIZO, K. R. S. Uma análise sobre a importância de trabalhar educação ambiental nas escolas. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, Rio Grande do Sul, v. 22, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.14295/remea.v22i0.2807>. Acesso em: 25 nov. 2025.

ROSA, M. V. F. P. C.; ARNOLDI, M. A. G. C. **A entrevista na pesquisa qualitativa: mecanismos para a validação dos resultados**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2006.

SANTOS, J. Z. **Práticas pedagógicas em educação ambiental dos professores dos anos iniciais do ensino fundamental no processo de alfabetização escolar**. 2020. 87f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Planalto Catarinense. Lages, SC, 2020. Disponível em: https://data.uniplaclages.edu.br/mestrado_educacao/dissertacoes/fe7d4d5c5a10aea2e3dacab58ff7a52b.pdf. Acesso em: 25 nov. 2025.

UNESCO. **Década da Educação das Nações Unidas para um Desenvolvimento Sustentável**, 2005-2014: documento final do esquema internacional de implementação, Brasília, Brasil, 2005.

VELHO, C. O. **Percepção ambiental e práticas pedagógicas dos professores da educação infantil para a ambientalização curricular**, 2019. 102f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Planalto Catarinense. Lages, SC. Disponível em: 2019. Disponível em: https://data.uniplaclages.edu.br/mestrado_educacao/dissertacoes/4156a6094fac5252d8758412903e2839.pdf. Acesso em: 25 nov. 2025.